

---

***SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR:  
UM ESTUDO COM PROFESSORES DO ENSINO  
BÁSICO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE  
DE CRUZ ALTA-RS***

---

*Aline de Oliveira Martins (UNICRUZ)*

*Marília de Rosso Krug (UNICRUZ)*

*Félix Alexandre Antunes Soares (UFSM)*

*RESUMO:* O ensino de Ciências congrega vários temas, como meio ambiente, recursos tecnológicos, ser humano e saúde. Nesta pesquisa destaca-se a saúde e apresenta-se a problemática a ser investigada que consiste em compreender como os professores do ensino básico concebem o ensino de saúde na escola. Para responder esse problema de pesquisa, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com dez professores atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental, no município de Cruz Alta-RS. A Análise de Conteúdo foi utilizada para interpretar as entrevistas. Emergiram duas formas referentes às metodologias relacionadas com o ensino de saúde: uma trabalhada nas disciplinas, ficando, no entanto, restrita aos professores de ciências e outra, trabalhada na forma de projetos, desenvolvidos de forma pontual e fragmentada. Assim, conclui-se que os professores dos anos finais do ensino fundamental necessitam de uma capacitação específica e maior suporte com relação à prática da saúde escolar. Recomenda-se uma revisão dos currículos, bem como incremento de orientação na rede estadual de ensino, ampliando os conhecimentos sobre saúde e a compreensão do professor a respeito de sua participação em programas de saúde escolar.

*Palavras-Chave:* Educação. Saúde. Professores. Interdisciplinaridade.

***HEALTH EDUCATION IN THE CONTEXT OF SCHOOLS: A STUDY  
WITH PUBLIC SCHOOL PRIMARY EDUCATION TEACHERS IN CRUZ  
ALTA, STATE OF RIO GRANDE DO SUL***

*ABSTRACT:* The teaching of Science includes several themes, such as the environment, technological resources, human beings and health. Health is emphasized in this study and it presents the problem to be investigated, which consists in understanding how primary education teachers envisage health education. In attempting to answer this research question, semi-structured interviews were

conducted with ten teachers who are active in the last grades of Elementary School in the city of Cruz Alta, state of Rio Grande do Sul. The content analysis was used to interpret the interviews. Two forms emerged referring to the methods related to health education: one being applied to the disciplines, but restricted to science teachers; and the other applied in the form of projects, developed in both an individual and fragmented manner. Thus, we conclude that teachers active in the final years of elementary school require specific training and greater support regarding health education. We recommend a review of curricula, as well as an increase in knowledge about health and teachers' understanding about their participation in health education programs.

*Keywords:* Education. Health. Teachers. Inter-discipline

## Introdução

O Estado, desde a República, vem se preocupando com a educação. No sentido de imprimir mudanças nas condições de democratização e na qualidade da educação básica, socializou diversas reformas na legislação do ensino, na estrutura curricular e na orientação teórica das práticas pedagógicas escolares. Dentre as reformas, destacam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que foram elaborados na tentativa de suprir as exigências do mercado de trabalho, que exige um cidadão crítico, reflexivo e autônomo (SANTIAGO, 2000).

Nos PCNs (BRASIL, 1997), apontam-se os temas transversais que representaram na época a maior das novidades propostas às escolas, trazendo consigo, segundo Fernandes (2004), fatores de caráter prescritivo das atitudes e valores, possibilitando a formação de um cidadão crítico, inserido num mundo em que não está apenas como espectador, mas é parte atuante da realidade.

O foco deste estudo voltou-se para o tema transversal saúde, que vem sendo preocupação desde meados do século XVIII, com os estudos de Jonh Locke (1632-1704) sobre o conhecimento humano. Como metodologia do ensino de saúde na escola, nos últimos anos, destacamos as sugestões dos PCNs que sugerem que as estratégias de saúde na escola sejam voltadas para o exercício da cidadania, que compreende a motivação e a capacitação para o auto cuidado, assim como a compreensão da saúde como direito e responsabilidade pessoal e social (BRASIL, 1997b).

Apesar das normas existentes, o professor em suas práticas diárias não vem cumprindo de maneira eficaz o que está previsto

nos PCNs, o que se pode atribuir ao processo de formação docente. Segundo Fernandes; Rocha e Souza (2005), as escolas também não se sentem responsáveis pela prática da saúde em seus ambientes e geralmente reproduzem o paradigma de caráter assistencialista, priorizando o indivíduo e a doença, em detrimento da coletividade e da prevenção. Sendo assim, os professores não potencializam o espaço escolar para a construção de conhecimentos sobre assuntos relacionados com a saúde e nem se autorizam, mas se legitimam como educadores em saúde.

Por conseguinte, a questão central aqui apresentada é a caracterização das dificuldades de professores dos anos finais do Ensino Fundamental, de uma escola estadual, em relação ao ensino da saúde, objetivando buscar subsídios para um futuro programa de educação continuada neste tema que tem, como objetivo, auxiliar os professores no desenvolvimento de metodologias para promoção da saúde na escola. Assim, este estudo se justifica mediante o fato de que planejamentos de cursos como estes somente se adequarão à realidade do professor (e do aluno) se houver uma investigação antecipada sobre o que os docentes precisam saber e saber fazer a respeito da saúde, o que se concretizou em nosso caso pela interpretação dos discursos de uma amostra de professores.

## Procedimentos Metodológicos

Foram convidados a participar deste estudo descritivo, 14 professores dos Anos/Séries Finais do Ensino Fundamental, da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Bandarra Westphalen, do município de Cruz Alta-RS; entretanto, somente dez professores aceitaram participar. A referida escola está localizada no Bairro Jardim Petrópolis e abrange as comunidades que ficam em seu entorno como a dos bairros Nossa Senhora de Fátima, Jardim Primavera, Jardim Petrópolis II e os moradores do Núcleo Habitacional Santa Bárbara. Este se encontra em péssimas condições de uso, a grande maioria dos prédios está depredada e abandonada, necessitando de infraestrutura, cujo contexto é de extrema carência. O corpo discente é muito instável e muitas famílias são itinerantes, devido à falta de emprego e oportunidades de trabalho fora da cidade ou em outros bairros em determinadas épocas do ano; assim, a transferência é uma ação constante na vida de alguns alunos, conforme Projeto Político Pedagógico da escola (Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Bandarra Westphalen, 2011).

Utilizou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada, elaborada a partir de uma matriz de análise, tendo como questões norteadoras: como o ensino de saúde era concebido na escola e nas disciplinas específicas, assim como as dificuldades encontradas para o ensino da referida temática.

Para análise das variáveis foram utilizadas abordagens quantitativa e qualitativa. Os dados de perfil dos professores foram analisados quantitativamente por meio da frequência percentual. Nas variáveis qualitativas realizou-se a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2007), consiste em descobrir núcleos de sentido que compõem as respostas, comunicações ou temáticas e cuja presença ou frequência de aparição pode significar para o objetivo analítico proposto. A análise de conteúdo foi composta por três etapas, como propõe Bardin (2007): a pré-análise, primeira etapa, onde se realizou a organização e seleção do material; exploração do material, nessa etapa foi feita a leitura do material, codificação, escolha das categorias; na última etapa ocorreu a descrição e a análise dos dados. As falas dos professores foram transcritas na íntegra e por isso os problemas da língua não foram corrigidos.

A pesquisa foi conduzida segundo a resolução específica do Conselho Nacional de Saúde (196/96) e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta – RS (CAE nº 03510912.1.0000.5322).

## Resultados

Dos dez participantes deste estudo, todos eram mulheres, com média de idade de  $43 \pm 12$  anos, com um tempo de magistério entre 11 a 15 anos e carga horária mínima de 37 horas, chegando até 60 horas semanais, em diferentes turnos; 70% trabalhavam em duas ou mais escolas, ministrando uma ou mais disciplinas. Sobre a formação acadêmica dos participantes, observou-se que 50% possuíam pós-graduação, 40% ensino superior e apenas uma (10%) não possuía o ensino superior.

Ao analisar se o tema saúde era trabalhado na escola, todas as professoras salientaram que sim. Destas, 40% afirmaram que só foi realmente trabalhado após o desenvolvimento de um projeto do governo “Saúde e Prevenção na Escola” - SPE.

Sim, através de projetos (prof. 1).

Em parte, nós temos os professores que têm dificuldade nessas coisas mais modernas, querendo ou não isso é uma coisa mais moderna na educação...., nós fizemos

parte de um projeto do Estado, foi aí que nos começamos a trabalhar realmente (prof. 6).

Em forma de projetos, como exemplo o SPE (prof. 7). Sim, através de projetos, de palestras, de parcerias (prof. 9).

As demais professoras (6 – 60%) salientaram que este tema era, também, trabalhado nas disciplinas, ficando, no entanto, restrito aos professores de ciências, como pode ser observado pelo relato de duas das professoras: “Sim, trabalhamos este tema na escola, mas só com o pessoal das Ciências” (prof. 8); “Vem, com o pessoal das Ciências, nas disciplinas” (prof. 10).

Segundo a própria professora de Ciências somente porque fazia parte do conteúdo: “Eu trabalhava separadamente com a minha disciplina de Ciências, trabalho por que faz parte do conteúdo” (prof. 3).

Somente uma professora que, embora soubesse que a saúde era trabalhada na escola, desconhecia a maneira como o mesmo era desenvolvido. “Dentro da escola sim, [...] só não sei de que maneira” (prof. 5).

Ao analisar se os professores abordavam a temática saúde em suas disciplinas, das dez professoras estudadas três não trabalhavam, apontando como justificativas: não conseguir relacionar com o conteúdo abordado na disciplina e falta de tempo para desenvolvimento do seu conteúdo específico, ou seja, interpretam o tema transversal como um novo conteúdo.

Não consigo encaixar este tema naquilo que eu tenho que dar para eles (prof. 1).

Não estou preparada para trabalhar com isto (prof. 4).

Não tenho tempo nem de trabalhar o conteúdo da minha disciplina quem dera incluir esta temática (prof. 5).

Das sete professoras que salientaram trabalhar o tema, três desenvolviam o assunto de forma superficial, por meio de diálogos ocasionais, sem planejamento, quando surgiam dúvidas dos alunos; duas limitavam os conteúdos de saúde à higiene e doenças sexualmente transmissíveis e, somente duas professoras abordavam este tema de forma integrada aos conteúdos da disciplina que ministravam. Conforme mostram os relatos:

Discuto, até por que, às vezes, tem certos alunos que criam um certo carisma pelo professor, então muitas dúvidas eles chegam e conversam...e tu vai esclarecendo (prof. 7).

Muito superficialmente, por que a gente não tem muito subsídios para trabalhar em relação a isso (prof 9).

Sim, muito. Principalmente a higiene e doenças sexualmente transmissíveis (prof. 8).

Sim, a gente trabalha bastante nessa parte de higiene com eles, mesmo não sendo da área de Ciências (prof. 10).

Eu trabalho a forma como se alimentar através de pesquisa (prof. 3).

Trabalho com mesa redonda, onde os alunos constroem e apresentam o trabalho na forma como entenderam (prof. 2).

Eu debato muito no sentido da prevenção, porque aqui na escola é um bairro atípico e precisamos alertar quanto a este aspecto (prof. 6).

Outro questionamento focalizou a existência de dificuldades em trabalhar o tema saúde no ambiente escolar. As que não abordavam frequentemente esta temática apontaram a desmotivação, pelo fato de trabalharem sozinhas, como a principal dificuldade. Outra dificuldade apontada pelas professoras foi a falta de tempo e o desconhecimento de certos assuntos, mostrando despreparo para um trabalho interdisciplinar. O fato de os alunos não darem importância ao assunto também foi colocado como dificuldade para tratar esta temática nas aulas, conforme se pode observar pelo relato das mesmas:

Com tanto tempo de serviço, dificuldade não, eu tenho um pouco de preguiça, o trabalhar sozinho te dá esse desânimo, com outra talvez te estimulasse mais (prof. 6).

Não adianta tu abordar um tema que tu não tem conhecimento, por que tu precisa de conhecimento pra ti pode passar (prof. 2).

Às vezes sinto dificuldade, pois não é tudo que a gente sabe, falta conhecimento, se informar (prof. 4, 9, 10).

Os alunos não dão importância ao assunto (prof. 1).

Os alunos acham chato, não gostam, acham que para ser saudável é necessário ter dinheiro (prof. 4).

Ao encerrar a entrevista, as professoras foram questionadas quanto ao interesse em participar de um curso de formação continuada com o objetivo de desenvolvimento de metodologias para promoção da saúde na escola. Oito delas salientaram que tinham interesse, desde que a escola proporcionasse horários para esta formação dentro da carga horária, pois a longa jornada de trabalho já limitava em muito o tempo de lazer e convívio com a família.

## Discussão

Os dados do presente estudo reforçam a prevalência histórica do sexo feminino nas profissões relacionadas ao cuidado e ao ensino, como a de professor. Estudos de Barros; Mendonça e Blanco (2001) apontaram que o grau de feminização da ocupação nessa profissão é mais elevado nas regiões mais ricas, principalmente no Rio Grande do Sul, onde 97% dos professores são mulheres. De uma maneira geral, as características das professoras deste trabalho se assemelham às citadas em Fernandes; Rocha e Souza (2005), em estudo que investigou a concepção sobre a saúde escolar entre os docentes do ensino fundamental da cidade de Natal, no qual todas eram do sexo feminino, com faixa etária de maior prevalência acima de 40 anos. Resultados semelhantes foram obtidos também por Cardoso; Reis e Iervolino (2008) que pesquisaram 22 professores na cidade de Araquari/SC. Os mesmos verificaram que 18 dos entrevistados eram do sexo feminino, com média de idade de 36 anos. Puentes e Longarezi (2011), na cidade de Uberlândia, no estudo realizado com professores que atuavam no ensino médio, também evidenciaram o predomínio de professores do sexo feminino, com idade média de 41 anos. Dessa maneira, é possível observar algumas tendências entre os professores do ensino fundamental: são do sexo feminino e têm idade superior a 35 anos.

Quanto à forma como a saúde era desenvolvida na escola, os resultados obtidos no presente estudo são semelhantes aos encontrados por Gonçalves *et al.* (2008), que investigou a promoção de saúde na educação infantil no município de Fortaleza-CE, onde a maioria dos professores afirmaram que trabalhavam a saúde através de projetos, embora alguns tenham se posicionado, dizendo que nem conheciam tal proposta.

Quanto aos projetos que existiam na escola em estudo, citado pelos professores, identificou-se o projeto “Horta Escolar”, que não foi mencionado por nenhum dos professores entrevistados e o projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE)”, mencionado por quatro professores. O primeiro projeto consistia na elaboração de uma horta, na qual alguns alunos, juntamente com acadêmicos do curso de Agronomia da Universidade de Cruz Alta, semeavam, plantavam e aproveitavam os legumes e verduras na merenda escolar, incentivando uma alimentação saudável. O projeto SPE era uma das propostas do governo federal, na qual se trabalhavam ações relacionadas à prevenção, como drogas, doenças sexualmente transmissíveis e promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, articulando os setores de

saúde e de educação (ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA MARIA BANDARRA WESTPHALEN, 2011).

Tanto a horta escolar como o SPE, que iniciaram suas atividades em 2010, desenvolviam ações pontuais, desconectados das disciplinas e com pouco envolvimento dos professores. O SPE era de responsabilidade da coordenadora pedagógica, e dele participavam duas professoras, que não eram da escola e um profissional da área da saúde, designado pela Secretaria Municipal da Saúde. No momento em que a coordenadora pedagógica do projeto e as professoras designadas para desenvolverem as ações se afastaram da escola, o mesmo não teve continuidade, sendo abandonado definitivamente em 2011. O mesmo ocorreu com o projeto “Horta Escolar”, que, no momento em que a parceria entre a escola e universidade foi desfeita, a horta foi abandonada.

De acordo com Araújo (2003), o ensino por projetos é de extrema importância para o ensino da saúde, desde que não sejam projetos desconectados das demais atividades curriculares das classes, ou seja, que não resultem em um modo fragmentado de se trabalhar os temas transversais, como ocorreu com os dois projetos citados. Julião (2008) salienta que projetos pontuais são ineficazes, pois há um investimento maciço na implementação, possuem curta duração, visando uma resposta em curto prazo, mas dificilmente consolida uma prática e/ou uma proposta política para a área.

A outra forma de trabalhar a saúde observada neste estudo vai ao encontro dos resultados do estudo de Santos e Bogus (2007) com professores paulistas. Os mesmos também delegaram a função do ensino de saúde apenas para os professores da área de Ciências, e completaram, afirmando que o desenvolvimento de ações para esta temática deve ser de responsabilidade da direção e do coordenador pedagógico.

Nessa tendência pedagógica, as ações de ensino estão centradas na exposição dos conhecimentos pelo professor. O professor assume funções como vigiar e aconselhar os alunos, corrigir atividades e ensinar a matéria. É visto como a autoridade máxima, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino e, portanto, o único responsável e condutor do processo educativo (PEREIRA, 2003). Essa perspectiva de metodologia tradicional deve ser repensada para que todos possam participar do processo educativo, construindo e transmitindo conhecimentos/experiências anteriores, ou seja, há necessidade do envolvimento da comunidade escolar na definição dos assuntos relacionados ao tema proposto bem como a participação na elaboração e no desenvolvimento dos projetos.



Importante salientar que a saúde deve ser trabalhada de maneira transversal e interdisciplinar, perpassando por todas as disciplinas, o que, pelo que podemos observar, não ocorre na escola em estudo. De acordo com o Ministério de Educação e Desporto (BRASIL, 1997b), as questões sociais também podem ser trabalhadas por meio de projetos; no entanto deve-se ter cuidado com a forma como são propostos.

Através dos resultados expostos, foi possível notar que as professoras precisam refletir mais sobre a necessidade de trabalhar as temáticas sociais, como a saúde na escola, pois, conforme proposto pelo Ministério de Educação e do Desporto (BRASIL, 1997c), a saúde deve ser trabalhada por todos os professores, de forma planejada e relacionada com o conteúdo, de modo que o aluno encontre significado para sua vida diária. A partir dos relatos, percebeu-se que somente uma das professoras trazia o cotidiano do aluno para a sala de aula, por meio de uma aprendizagem significativa; entretanto, não conseguia trabalhar de forma interdisciplinar.

Isolamento profissional e falta de conhecimento do assunto foram as principais dificuldades apontadas neste estudo para o trabalho interdisciplinar da saúde na escola. Essas dificuldades também foram encontradas no estudo de Fernandes; Rocha e Souza (2005), no qual a falta de conhecimento mais profundo sobre saúde constituiu a justificativa de maior prevalência. Esses autores apontam também para a falta de material didático adequado. Esses achados chamam atenção para a necessidade de um bom processo de formação para a docência e de capacitações que envolvam temáticas de saúde. Cardoso; Reis e Iervolino (2008) já evidenciavam tal preocupação, reforçando a necessidade imediata de um processo de educação permanente, para que os professores possam ampliar seus conceitos de saúde e trabalhar com os princípios da Escola Promotora de Saúde, em prol da qualidade de vida de todos aqueles que convivem no ambiente escolar.

Com relação ao isolamento profissional, ainda encontra-se muita resistência para mudar, pois a maioria dos professores brasileiros trabalha de forma individual e isolada. Esse isolamento profissional também foi observado por Krug (2006), ao estudar professores de Educação Física no município de Santa Maria/RS. O referido autor constatou que os professores trabalham de forma individualista, o que também representa a realidade da maioria dos professores de outras disciplinas. “Nas escolas ainda encontramos professores que desenvolvem suas atividades de modo isolado, isto é, professores da mesma escola, trabalhando no mesmo turno e na mesma série, que mantêm pouco ou nenhum contato entre si” (KRUG, 2006, p.82).

Segundo Krug (2006), é a estrutura das escolas que parece provocar o isolamento profissional, pois são poucos ou quase nem existem momentos de trocas de experiências, diálogos, planejamento e projetos coletivos no sentido de melhorar a prática pedagógica. Para Krug (2006, p.83) “em virtude desse contexto, de individualismo, de isolamento, de dificuldades de reflexão que se percebe que alguns professores vivem um processo de acomodação profissional”.

Dessa forma, fica evidenciada a necessidade de um trabalho em conjunto dos professores para que possam discutir e refletir sobre a sua prática e seu planejamento, pois é no desenvolvimento de um assunto em comum que o aluno poderá entender e dar significado à aprendizagem. As professoras do presente estudo reconhecem a importância de um trabalho interdisciplinar no ensino de saúde na escola; no entanto, apontam para a falta de tempo e conhecimento necessário sobre essa estratégia de ensino como as principais dificuldades, mostrando as deficiências da formação inicial, assim como a sobrecarga de trabalho como fatores limitantes. Essas dificuldades não ocorrem somente no nível de ensino fundamental. Augusto e Caldeira (2007), ao investigarem professores do ensino médio na cidade de Bauru-SP, revelaram, além destas, outras dificuldades para um trabalho interdisciplinar, entre elas, as dificuldades de relacionamento com a administração escolar e a ausência de coordenação pedagógica entre as ações docentes, além do desinteresse e indisciplina dos alunos.

Estudos de Ricardo e Zylbersztajn (2002) apontaram que a metodologia de trabalho interdisciplinar, proposta pelos PCNs, apresentou-se de forma muito abrupta, sem a preparação dos professores, sem distribuição de carga horária e de conteúdos. Esse mesmo estudo também destacou que faltam discussões acerca de novas metodologias que possibilitem um trabalho interdisciplinar e contextualizado.

Feistel e Maestrelli (2012) reforçam que existe a necessidade de reflexões acerca da interdisciplinaridade na formação inicial de professores, uma vez que, dentre as produções acadêmicas, percebe-se que são poucos os trabalhos que discutem a temática no Ensino Superior.

Considerando que as professoras do presente estudo apresentaram um tempo médio de magistério superior a 11 anos, provavelmente não tenham tido uma abordagem interdisciplinar em sua formação inicial, já que até hoje o que predomina nos currículos é a disciplinarização, ou seja, currículos hegemônicos, da racionalidade técnica, o que dificulta o entendimento sobre esta

metodologia de ensino. Sendo assim fazem-se necessários investimentos na formação continuada.

Nesse sentido, cursos de formação continuada tornam-se de extrema importância para a compreensão dos principais conceitos e das propostas dos PCN, para eliminar ou melhorar as concepções antigas de ensino, sob uma suposta implementação da reforma pretendida, e também para não correr risco de cometer equívocos (RICARDO; ZYLBERSZTAJN, 2002).

A formação continuada é o processo crítico reflexivo sobre o saber docente em suas múltiplas determinações, sendo desenvolvida paralelamente com a atuação no magistério, e enfatiza o papel do professor como profissional, estimulando-o a desenvolver novos meios de realizar seu trabalho pedagógico com base na reflexão sobre a própria prática, ou seja, é um espaço privilegiado entre formação e socialização entre os professores, onde eles se atualizam e desenvolvem saberes e conhecimentos docentes ou realizam trocas de experiências (ZUFFI; FERREIRA, 2010).

Cardoso, Reis e Iervolino (2008) afirmam que há uma necessidade imediata de um processo de educação permanente, para que os professores possam ampliar seus conceitos de saúde e trabalhar com os princípios da Escola Promotora de Saúde, em prol da qualidade de vida de todos aqueles que convivem no ambiente escolar.

Por fim, nota-se o interesse das professoras no processo de formação continuada; no entanto, percebeu-se que a grande jornada de trabalho e as exigências de um alto nível de atenção e concentração para dar conta das tarefas pode ser um dos fatores que interferem nesse processo.

## Conclusão

A maioria das professoras entrevistadas afirmou trabalhar a saúde em suas aulas, ocorrendo, no entanto, somente quando surgia a oportunidade em situações de dúvidas dos alunos, de forma descontextualizada e não planejada, e/ou delegavam o ensino da saúde apenas aos professores de Ciências. A saúde na escola também era trabalhada por meio de projetos, porém de forma pontual e não articulados aos conteúdos e, por isso, não tiveram continuidade.

O despreparo para um trabalho interdisciplinar, a desmotivação por trabalhar 'sozinha', a alta jornada de trabalho, o

desconhecimento de certos assuntos e o fato de não conseguir compreender e nem relacionar a saúde ao seu conteúdo foram as principais dificuldades citadas pelos professores para o trabalho interdisciplinar de saúde na escola.

Os resultados do presente estudo evidenciaram a necessidade de formação para o trabalho interdisciplinar e conhecimentos específicos para o ensino da saúde. Para que isso aconteça, torna-se necessário a mudança no paradigma educacional, solidificando a importância e a necessidade de formação continuada, para que possa levar a uma mudança na prática pedagógica dos professores. Uma importante reflexão também deve ser feita em relação aos currículos de formação inicial, que precisam urgentemente ser revistos.

Para contribuir com estas reflexões, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar Universidade de Cruz Alta-RS (GEPEFE/UNICRUZ) e o Grupo de Pesquisa em Nutrição Saúde e Qualidade de Vida da Universidade Federal de Santa Maria-RS (GENSQ/UFSM) propõem, como um caminho possível para trabalhar a saúde na escola, a aprendizagem por meio de projetos, articulados às disciplinas, sendo considerados como estratégias para a construção dos conhecimentos a fim de alcançar uma versatilidade na educação.

Trazer para o cotidiano das salas de aula e dos projetos político-pedagógicos das escolas a preocupação com a educação em valores, com a busca de solução para os problemas sociais, bem como a tentativa de ligação dos conteúdos científicos e culturais com a vida das pessoas, é um caminho promissor para a transformação dos tempos, dos espaços e das relações interpessoais dentro da sala de aula.

## Referências

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. São Paulo: Moderna, 2003.

AUGUSTO, Thaís Gimenez da Silva; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de Ciências da Natureza. *Investigações em Ensino de Ciências*. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 139-154. Disponível em: <[http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo\\_ID165/v12\\_n1\\_a2007.pdf](http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID165/v12_n1_a2007.pdf)> Acessado em: 25 mar. 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA, Rosane; BLANCO, Mauricio. O mercado de trabalho para professores no Brasil. *Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia/ANPEC*: Salvador, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>> Acessado em: 15 mar. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acessado em: 26 mar. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde*. Brasília, 1997c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf>> Acessado em: 30 abr. 2012.

CARDOSO, Vanessa; REIS, Ana Paulo dos; IERVOLINO, Solange Abrocesi. Escolas promotoras de saúde. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v18n2/01.pdf>> Acessado em: 25 fev. 2013.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA MARIA BANDARRA WESTPHALEN. *Projeto Político Pedagógico*. Cruz Alta-RS, 2011.

FEISTEL, Roseli Adriana Blümke; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. Interdisciplinaridade na formação inicial de professores: um olhar sobre as pesquisas em Educação em Ciências, *Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, Florianópolis-SC, v.5, n.1, p.155-176, 2012. Disponível em: <<http://alexandria.ppgect.ufsc.br/files/2012/05/Roseli.pdf>> Acessado em: 17 out. 2012.

FERNANDES, Marcos Henrique. *A concepção de professores do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) sobre a saúde do escolar*. 2004, 44 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

FERNANDES, Marcos Henrique; ROCHA, Vera Maria; SOUZA, Djanira Brasileiro de. A concepção sobre saúde do escolar entre

professores do ensino fundamental (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries). *História, Ciência, Saúde*, Manguinhos, v.12, n.2, p.293-291, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/hcsm/v12n2/03.pdf>> Acessado em: 25 maio 2012.

GONÇALVES, Fernanda Denardin et al. A promoção da saúde na educação infantil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v.12, n.24, p.181-92, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n24/13.pdf>> Acessado em: 5 nov. 2012.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Educação de Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade: desafios para a política de reinserção social. *Revista de Educação de Jovens e Adultos*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 1-116, 2008. Disponível em: <[http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@\\_2\\_Elionaldo\\_Juliao.pdf](http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_2_Elionaldo_Juliao.pdf)> Acessado em: 15 de nov. 2012.

KRUG, Hugo Noberto. Professores de Educação Física escolar: do isolamento profissional à reflexão colaborativo. *Revista Científica Biomotriz*, Cruz Alta, v.4, n.4, p.80-93, 2006.

PEREIRA, Adriana Lenho de Figueiredo. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.5, p. 1527-1534, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v19n5/17825.pdf>> Acessado em: 15 mar. 2013.

PUENTES, Roberto Valdés; LONGAREZI, Andréa Maturano. O perfil sócio demográfico e profissional dos professores de ensino médio de Uberlândia. *Revista Profissão Docente*, Uberlândia, v. 11, n.23, 2011. Disponível em: <<http://revistajuridica.uniube.br/index.php/rpd/article/view/201/574>> Acessado em 6 mai 2013.

RICARDO, Elio Carlos; ZYLBERSZTAJN, Arden. O ensino das ciências no nível médio: um estudo sobre as dificuldades na implementação dos parâmetros curriculares nacionais. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*. Florianópolis, v.19, n.3, p. 352-370. Disponível em: <<http://journal.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6610/6102>> Acessado em: 27 mar. 2013.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. *A viabilidade dos PCN como política pública de intervenção no currículo escolar*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – UNIJUÍ, Ijuí, 2000.

SANTOS, Kátia Ferreira dos; BOGUS, Cláudia Maria. A percepção de educadores sobre a escola promotora de saúde: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v.17, n.3, p. 123-133, 2007. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v17n3/12.pdf>> Acessado em: 27 mar. 2012.

ZUFFI, Mônica Arruda; FERREIRA, Daniele Araújo. A importância da formação continuada na melhoria do ensino brasileiro, sob o âmbito da cidade de Uberlândia. *Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos – ENG*: Porto Alegre, 2010.

---

*Sobre os autores:*

*Aline de Oliveira Martins* possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Cruz Alta. É bolsista PIBIC desde agosto/2010 e bolsista PIBID desde agosto/2012. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE/UNICRUZ) e do Projeto de Extensão CEEASA - Centro de Equoterapia EASA/UNICRUZ (PIBEX/UNICRUZ).

*Marília de Rosso Krug* é Professora M.Sc. do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Cruz Alta - CCS/UNICRUZ; Acadêmica do Curso de Doutorado Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

*Félix Alexandre Antunes Soares* é Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou pós doutorado na Universidade Federal de Santa Maria em Bioquímica Toxicológica e na Universidade de Leon na Espanha na área de Biologia Molecular (2009). É professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

*Recebido em: 27/05/2013*

*Aceito em: 25/03/2014*